

A confecção: nicho étnico ou nicho econômico para a imigração latino-americana em São Paulo?

Sylvain Souchaud

Nos últimos dois anos, a existência da imigração paraguaia para São Paulo foi revelada em duas ocasiões. Ao término da campanha de requisitos de regularização dos estrangeiros indocumentados que, a partir da lei de Anistia Migratória de julho de 2009, aconteceu no segundo semestre do ano 2009, mais de 41.000 estrangeiros requisitaram a regularização de sua permanência no país. Como se sabe, o maior contingente foi de estrangeiros bolivianos (17.000). Mas o quarto contingente de estrangeiros foi dos paraguaios (4.100 demandas), próximo em número do segundo maior contingente, o dos chineses (5.100). A grande maioria desses imigrantes moram em São Paulo, na cidade mesma. Os números são pouco importantes, mas sugerem que a imigração paraguaia no Brasil, por um lado, é um dos principais fluxos de imigração atuais e, por outro lado, concentra-se em São Paulo.

A segunda ocasião de evidenciar a presença dos migrantes paraguaios na metrópole paulistana é recente e relacionada ao tratamento jornalístico de questões de segurança pública envolvendo imigrantes paraguaios¹. Segundo informações da polícia militar divulgadas e comentadas pelo jornais², mais de

¹ Agradecemos a Dominique Vidal quem primeiro nos informou sobre esse debate e os primeiros artigos e comentários sobre os eventos.

² “Promotoria apura rixa entre peruanos, bolivianos e paraguaios em SP”, disponível em <<http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2011/08/promotoria-apura-rixa-entre-peruanos-bolivianos-e-paraguaios-em-sp.html>>. Acesso em 16/08/2011, 06h23. Atualizado em 16/08/2011, 18h25.

“MP faz força-tarefa contra rixa entre imigrantes”, disponível em <<http://www.estadao.com.br/noticias/impresso,mp-faz-forca-tarefa-contra-rixa-entre-imigrantes,759436,0.htm>>. Acesso em 17/08/2011, 0h00.

setenta ocorrências de agressão (1 homicídio, 34 roubos e 36 lesões corporais) foram registradas no primeiro semestre de 2011 nos bairros centrais de São Paulo, envolvendo imigrantes sul americanos, o que deixaria pensar, segundo os jornais, que existe uma rixa entre imigrantes sul americanos, principalmente entre bolivianos e paraguaios. De acordo com o jornal Globo, as agressões ocorrem principalmente nos bairros centrais do Brás e Pari, na rua Coimbra e na avenida Carlos de Campos, áreas residenciais e comerciais frequentadas, seja de dia, seja à noite, por ambos os grupos. Os depoimentos demonstrariam que os bolivianos são vítimas de agressões de paraguaios³. Os eventos relatados nos artigos aconteceram nas áreas onde as indústrias de confecções e os comércios de roupas estão concentradas; a vítima boliviana era costureiro e, nos artigos, os imigrantes paraguaios em São Paulo são apresentados como trabalhadores do setor, em sua maioria. Dentre as razões da possível rixa, menciona-se, junto com o motivo “racial”, a possibilidade dos paraguaios competirem com os bolivianos um espaço no setor de atividade.

A primeira informação, referente à importância do fluxo de imigração de paraguaios em São Paulo, impactou pouco a opinião pública brasileira e, rapidamente, depois de aparecer a notícia, os paraguaios voltaram (se mantiveram, na verdade) no anonimato. A segunda informação, referente “à rixa” entre bolivianos e paraguaios, é muito recente e, embora seja difícil prever seu impacto na sociedade brasileira em geral e paulistana em particular, é provável que ela mude não somente a percepção da imigração paraguaia, mas também as representações habituais da imigração internacional na sociedade brasileira, representações ainda baseadas nas imigrações históricas dos europeus e asiáticos.

Desde já, observemos que os eventos recentes selecionados e divulgados pelos jornais introduzem elementos de conhecimento sobre a população paraguaia em São Paulo quase inéditos, a partir dos quais organizaremos a discussão deste texto.

Com efeito, a “descoberta” de uma imigração paraguaia na cidade de São Paulo, muito relacionada com a indústria da confecção e localizada nos bairros centrais, modifica a representação comum da imigração paraguaia no Brasil, mas,

³ “PM e consulado querem que filhos de bolivianos virem policiais em SP.”, Disponível em <<http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2011/08/pm-e-consulado-querem-que-filhos-de-bolivianos-virem-policiais-em-sp.html>>. Acesso em 17/08/2011, 08h48. Atualizado em 17/08/2011, 08h48.

“Rixa entre bolivianos e paraguaios em SP tem motivação racial, diz promotora.”, Disponível em <<http://radio.estadao.com.br/audios/audio.php?idGuidSelect=9704703653B746EB8969B1016B3F47B8>>.

sobretudo, nos permite reconsiderar a perspectiva sobre a organização da imigração boliviana em São Paulo. Numerosos estudos sobre a imigração boliviana em São Paulo foram publicados nos últimos anos. Esses estudos migratórios têm como ponto de entrada o próprio grupo dos imigrantes bolivianos. Essa abordagem, ao focalizar um grupo étnico, traz com ela um risco de viés que é a tendência de, ao identificar as características da organização social de uma população específica (por sua origem geográfica por exemplo), considerar que essas características são específicas. Em consequência, ao isolar o grupo do resto da sociedade, tornamo-lo diferente por essência e, ao mesmo tempo, tendemos a negar a possibilidade que os caracteres supostamente específicos desta população existam em outros grupos, sejam de migrantes ou não.

Concretamente, a partir de observações (justificadas) tais como a concentração residencial dos bolivianos nos bairros centrais de São Paulo, o Bom Retiro, o Brás o Pari, principalmente, e sua concentração no setor de atividade da confecção onde, através de parcerias complexas e antigas com imigrantes coreanos, trabalham em oficinas de pequeno e médio porte, estabeleceu-se gradativamente a idéia de que os bolivianos detêm hoje o monopólio do trabalho nas oficinas de costura de médio e pequeno porte e vivem em bairros onde seriam os únicos imigrantes, ou seja, teriam formado espaços residenciais mono-étnicos (além dos brasileiros) e nicho econômicos fechados.

Veremos primeiro como o nicho de atividade econômica para os imigrantes que se formou em certo segmento da indústria da confecção não é um nicho “dos bolivianos” e sim um nicho para imigrantes de várias origens. Depois, ainda com a proposta de não isolar a experiência urbana da imigração boliviana em São Paulo, tentaremos evidenciar caracteres comuns à imigração paraguaia e boliviana em São Paulo pela observação de suas trajetórias migratórias e profissionais, com a finalidade de relativizar as interpretações culturais sobre a presença dos migrantes bolivianos na cidade de São Paulo.

Este trabalho baseia-se em observações e entrevistas em profundidade com migrantes bolivianos e paraguaios, realizadas em 2009 e 2010, principalmente nos bairros centrais de São Paulo: Bom Retiro, Brás, Pari, Belém. Foram completadas por observações e entrevistas pontuais em Guarulhos e nos bairros Leste e Norte de São Paulo e entrevistas com atores institucionais (na Pastoral do migrante, no Sindicato da costureiras de São Paulo e Osasco, no Ministério do trabalho, na Associação brasileira da indústria têxtil e de confecção (ABIT)). Agradecemos ao Institut de Recherche pour le Développement (IRD) e à Agence Nationale pour la

Recherche (ANR) o apoio a esta pesquisa. Entre as numerosas pessoas que nos ajudaram e apoiaram no trabalho de campo, agradecemos em particular ao padre Osvaldo, da paróquia Nossa Sra. Auxiliadora, no Bom Retiro.

As transformações da indústria do vestuário

Para entender a formação e organização de um nicho na confecção, é preciso considerar a estrutura do emprego nesse setor, sua evolução e composição, por que, afinal, o nascimento de um nicho econômico para os migrantes decorre de uma ruptura na estrutura do emprego e no modelo de recrutamento anteriores (R. Waldinger 1994, p.27). Evoluções na economia e na sociedade brasileira, particularmente acentuadas no Estado de São Paulo e em sua maior região metropolitana (a Região Metropolitana de São Paulo – RMSP), explicam as importantes mudanças que ocorrem na estrutura do emprego nas últimas décadas. A principal delas é provavelmente a passagem de uma economia predominantemente industrial a predominantemente de serviços devido, tanto à modernização do setor industrial que implicou o aumento da produtividade do trabalho e a redução relativa da mão-de-obra, quanto ao desenvolvimento acelerado das atividades de serviços. Entre 1977 e 1999, na RMSP, a concentração da população economicamente ativa (PEA) na indústria de transformação passou de 38% a 19%, enquanto passava de 37% a 51% nos serviços (com exceção dos “serviços pessoais”) (Meyer, Grostein, Biderman 2004, p.112). Outra fonte (a Secretaria de Economia e Planejamento – SEP. Convênio Seade-Dieese, Pesquisa de Emprego e Desemprego – PED) aponta, para o município de São Paulo, que a concentração do emprego na indústria de transformação, passou, entre 1985 e 2009, de 29,8% a 15,3% do total. No mesmo período, os serviços (descontando a categoria dos “serviços domésticos”) passaram a ocupar de 44,0% a 58,1% dos ocupados do setor formal.

A intensa pressão no setor industrial, setor que teve que reduzir seus custos de produção para poder competir com os produtos estrangeiros, principalmente asiáticos, implicou diferentes modalidades de transformação, às vezes combinadas, que foram aplicadas distintamente entre os sub-setores industriais. No caso da confecção paulistana⁴, enquanto unidades de produção desapareceram, as que se

⁴ Para uma análise das evoluções do setor nas últimas décadas pode-se ler o excelente trabalho de Branislav Kontic (2007).

mantiveram ou, até, foram aparecendo, tiveram que passar por uma ou várias das seguintes modalidades de adaptação, muitas vezes combinadas: a deslocalização, a modernização, a reestruturação.

Um número importante de unidades de produção foram deslocalizadas para diminuir seus custos de produção, sejam custos salariais, tributários⁵ ou fundiários. Uma parte importante da produção nacional foi transferida nos Estados do Nordeste, principalmente no agreste pernambucano, onde os custos salariais são menores, quando, em situações de trabalho informal e doméstico, não se aplica o salário mínimo. Outras vezes, as deslocalizações não são tão distantes, as empresas se mudam para o interior do Estado de São Paulo, no município de Americana, por exemplo, ou na periferia da Grande São Paulo. Essas deslocalizações próximas buscam, ao mesmo tempo, reduções dos preços do solo e dos aluguéis no entorno econômico e territorial propício de São Paulo, e a proximidade com o mercado.

A modernização do setor inclui toda mudança visando ganhos de produtividade, melhoras qualitativas e inovações; é obtida com investimentos na robotização e informatização, bastante importantes na parte do corte, por exemplo.

Com o termo de reestruturação referimo-nos principalmente à aparição ou, pelo menos, à difusão e consolidação das oficinas de costura de pequeno e médio porte, subcontratadas, muitas vezes clandestinas e envolvendo, em cada nível de sua organização, populações de imigrantes internacionais, desde os ajudantes até os donos (Silva 2008). Elas conseguiram um espaço crescente na cadeia produtiva por sua flexibilidade que lhes permite captar e atender os prazos curtos de uma demanda organizada em ciclos curtos. Para isso, os efetivos e horários dos trabalhadores variam em função da demanda. Essas estruturas, por serem conhecidas principalmente pelas situações extremas constatadas e condenadas pelo Ministério do trabalho, e divulgadas nos jornais, sofrem de uma imagem extremamente negativa, em parte justificada, mas que precisa ser corrigida com objetividade. São às vezes designadas pelo termo “*sweatshop*”⁶, palavra pejorativa, por sua referência implícita ao contexto socio-histórico do final do século XIX quando, nas cidades industriais da Europa e dos Estados Unidos, as condições

⁵ A carga tributária varia entre os Estados da União.

⁶ Segundo o Oxford american dictionaries «a factory or workshop, esp. in the clothing industry, where manual workers are employed at very low wages for long hours and under poor conditions».

de trabalho e moradia nas oficinas eram extremamente duras. E, de certa forma, as observações da historiadora Nancy Green, a partir dos casos de Nova York e Paris, aplicam-se à representação atual e comum das oficinas de estrangeiros na capital paulista: “a imagem do *sweatshop*, muitas vezes, simbolizou o pior do desemprego sazonal, da subcontratação e do trabalho em domicílio”... “Ontem como hoje, o termo de *sweatshop* tocou no registro emocional, sugerindo espaços exíguos, horários de trabalho intermináveis, salários de miséria, crianças, mulheres, imigrantes trabalhando, capatazes desumanos, uma higiene deplorável” (Green 1998, p.216).

Portanto, as oficinas de costura não podem ser consideradas unicamente como lugares de exploração da mão-de-obra imigrante, também são lugares de inserção e ascensão social para numerosos estrangeiros, por que a informalidade e flexibilidade da organização das oficinas também facilitam a integração no mercado de trabalho (primeiro trabalho obtido pelo apoio dos membros do grupo familiar ou étnico), a capacitação profissional (grande parte chegam como ajudante, sem conhecimentos na costura), a realização de um projeto migratório (seja no próprio lugar: tornar-se dono de oficina; seja no país de origem: compra de um lote ou casa), para quem, frequentemente indocumentado, sem conhecimento do mercado de trabalho e com um domínio fraco da língua e dos usos da sociedade do país de destino, teria poucas chances de ficar na cidade de São Paulo.

Completando o dispositivo produtivo, ao lado das oficinas subcontratadas, vemos aparecer oficinas familiares posicionadas no centro de uma organização empresarial familiar que concentra todas as etapas da cadeia produtiva. Com efeito, cada vez mais famílias de imigrantes, formadas por um casal, com seus filhos ou com a ajuda de um ou dois conterrâneos, desenham modelos de roupa feminina e confeccionam, primeiro a prova piloto, logo os modelos finais que, por exemplo, serão vendidos na feira da madrugada do Brás-Parí.

Um nicho econômico na confecção, para os migrantes internos

Os dois tipos de reestruturação das unidades de produção foram desenvolvidos por migrantes internacionais, até formar um nicho para várias gerações de diversos países. Mas, antes de descrever o processo de integração e substituição de distintos grupos de migrantes no dispositivo, é preciso explicar como uma mudança cultural, na própria sociedade brasileira, teve um impacto forte na formação do próprio nicho.

Desde os anos 1950, a produção de roupas depende quase exclusivamente da mão-de-obra nacional, principalmente feminina e nativa de outros Estados (de Estados do Nordeste, do Minas Gerais e Paraná, principalmente). Hoje ainda, essa característica se mantém embora aumente a participação dos estrangeiros. Os dados do censo demográfico de 2000 (Ibge 2003)⁷, considerando as categorias de ocupação nos sub-setores seguintes: “a confecção de artigos do vestuário e acessórios - exceto sob medida”, “a confecção sob medida de artigos do vestuário e acessórios” e “a confecção de artigos do vestuário e acessórios sob medida ou não”, estabelecem uma população ocupada total de 176.482 pessoas na RMSP em 2000. Dessa população, somente 3,2% são migrantes internacionais e em grande maioria bolivianos, coreanos e paraguaios. Considerando que a população estrangeira de 5.668 ocupados nas áreas mencionadas é subestimada, e avaliando que poderia ser em torno de 40.000 a 50.000, a população nativa representaria ainda a principal fonte da mão-de-obra para a confecção paulistana. Os migrantes nascidos no Nordeste representam 33,8% (59.728) do total dos ocupados, sendo a Bahia e o Pernambuco os dois principais Estados de nascimento, com respectivamente 11,3% (20.007) e 7,5% (13.298) da população total (Ibge 2003). Enquanto a mão-de-obra é predominantemente feminina quando nascida no Nordeste (86,0%), nas populações bolivianas, coreanas e paraguaias, ela representa, respectivamente, 34,5%, 50,9 e 39,9% da população.

Mas, a costura está deixando de ser um dos empregos privilegiados na população jovem e feminina da classe popular, a qual vem preferindo o setor dos serviços. A dificuldade de achar uma mão-de-obra brasileira nesse setor foi mencionada em várias ocasiões durante as entrevistas, com donos de oficinas de costura e no sindicato das costureiras. Para começar a verificar essa hipótese, comparamos, no censo 2000, a idade média por lugar de nascimento da população de referência (176.482 pessoas, ver a definição acima) com a população ativa ocupada total; supondo que a identificação de uma idade mediana superior num determinado setor de atividade em comparação com a população ocupada total poderia comprovar o declínio da atratividade do próprio setor entre as populações mais jovens. Com efeito, comparando os ativos ocupados do setor da confecção nascidos no Pernambuco, Bahia, Minas Gerais e Coréias com os ativos ocupados total nascidos na mesmas UF ou país, observamos uma idade mediana de 2 a 6

⁷ No momento da redação do texto, os microdados do censo demográfico 2010 não tinham sido disponibilizados.

anos superior entre os ocupados da confecção. Pelo contrário, a idade mediana dos nascidos na Bolívia e Paraguai é inferior de 4 a 8 anos. Então, a confecção atrairia pouco os jovens migrantes internos e os migrantes das Coréias, enquanto seria um setor atrativo entre os migrantes da Bolívia e do Paraguai.

Do ponto de vista dos migrantes internos, vários elementos se combinam para explicar essa substituição: a procura/reivindicação, nos setores populares, por salários mais altos e melhor redistribuição da renda⁸; níveis de qualificação educacional mais elevados que possibilitam buscar empregos diversificados; vontade de emancipação que, de certa forma, passa por uma negação da profissão de costureira e do trabalho tanto industrial quanto em domicílio, por representar formas de inserção social julgadas arcaicas e dominantes na geração de suas mães.

A depreciação do trabalho de costureira dentre as populações migrantes internas, e a própria diminuição da migração interna, contribuíram para abrir uma brecha no sistema produtivo da confecção, onde os imigrantes entraram, acrescentando à oportunidade de emprego a mudança organizacional no sistema produtivo. De tal forma que o aumento e consolidação da presença dos imigrantes internacionais na confecção em São Paulo é a consequência, ao mesmo tempo de uma chamada de mão-de-obra e de uma reestruturação produtiva, baseada nas oficinas subcontratadas de porte médio e pequeno e nas micro-empresas familiares informais de desenho-confecção-venda; evolução do modelo produtivo que, julgamos, foi organizada pelos próprios imigrantes (Souchaud 2011). As duas modalidades vêm ganhando peso no sistema da indústria do vestuário, ao lado, primeiro, das tradicionais e grandes unidades de produção, disseminadas em todos os espaços da sistema urbano polarizado pela capital, São Paulo, seja nos bairros centrais e periféricos das zonas norte e leste da capital, nos municípios periféricos da região metropolitana e nos municípios do interior do Estado e, segundo, do trabalho a domicílio, executado nos bairros periféricos da RMSP (Leite 2004). Nas duas últimas modalidades encontra-se uma mão-de-obra nacional feminina, com forte representação numérica das populações originárias dos Estados do Nordeste; nas duas primeiras modalidades, uma população estrangeira e masculina.

Ainda é difícil avaliar com relativa exatidão o número de imigrantes latino-americanos que trabalham na confecção, sendo que a grande maioria são informalmente ocupados. No entanto, podemos supor que o número de empregos

⁸ A evolução, já em curso (Saboia 2009), suscita novas demandas e exigências.

na confecção em São Paulo não tenha diminuído de forma drástica, dado que, se fosse confirmado, colocaria o setor numa situação de exceção no conjunto das atividades industriais em São Paulo, as quais sofreram importantes reduções de suas atividades e efetivos de mão-de-obra. Sem embargo, a organização econômica e sociologia dos ocupados do setor na metrópole evoluíram com a participação crescente dos estrangeiros e recuo progressivo da mão-de-obra nacional.

A existência do nicho econômico, por suas características atuais, aponta para uma transição importante do modelo migratório brasileiro, já que a “massificação” de uma imigração estrangeira, originária de países do Sul, com baixos níveis de qualificação educacional e que vem substituindo (ainda que de forma inicial) a mão-de-obra nacional é uma situação inédita na sociedade brasileira. Até hoje, setores de atividades tradicionais para a inserção da migração de mão-de-obra: o emprego doméstico, a construção civil, a confecção, eram ocupados por migrantes internos. A substituição (mesmo que parcial) em curso faria com que a situação migratória do Brasil parecesse à situação migratória de países como Argentina e Espanha, por exemplo, onde uma importante migração de latino-americanos, e em específico de bolivianos e paraguaios, se insere nos setores de atividade mencionados acima. Evolução que significaria ao mesmo tempo uma transição e uma normalização do padrão de imigração brasileiro.

A participação de diversas ondas migratórias de vários países

A formação de um nicho na indústria do vestuário para os imigrantes internacionais, com as características que descrevemos, tem sua origem nos anos 1970, e foi iniciada pelos coreanos. Ela realiza-se em dois tempos distintos. Num primeiro momento, segundo B. Kontic (2007, p.46-47), os coreanos que chegam nos anos 1970 organizam-se para concorrer com os produtores nordestinos de São Paulo, nas linhas de roupas de carregação acumulando a produção e a venda no atacado. Para isso, apostam na redução dos custos de produção, desenvolvendo o “*sweating labour*”, baseado no trabalho pouco remunerado de familiares e conterrâneos e em longas jornadas de trabalho.

Numa segunda fase de desenvolvimento, lançada a partir dos anos 1980, os coreanos modernizam a produção, lançam artigos de vestuário de melhor qualidade, artigos de modinha e organizam-se para garantir respostas rápidas e adaptadas às variações da demanda. Para isso, usam uma matéria prima têxtil produzida na Coreia do Sul, onde as competências tecnológicas e os circuitos de

exportação se desenvolvem com rapidez. Ela é importada e distribuída por atores coreanos em São Paulo, muitas vezes já envolvidos na confecção de vestuário de melhor qualidade. Segundo Buechler (2004), “em 1989, 90% dos imigrantes coreanos em São Paulo se envolvem, direta ou indiretamente, no indústria [da confecção]” (p.107)⁹.

O crescimento da atividade traz a necessidade de ampliar os circuitos de contratação da mão de obra. Aos poucos então, os migrantes bolivianos são contratados para trabalhar nas oficinas de coreanos. Buechler (2004) menciona (p.102) a contratação de imigrantes paraguaios, mas enquanto desenvolve uma ampla descrição e análise da presença boliviana no setor da confecção em São Paulo, nenhuma outra referência à presença paraguaia aparece no texto.

Hoje em dia, bolivianos e paraguaios são os principais trabalhadores nas oficinas de costura. Os coreanos mantêm e consolidam sua presença na área mas, afastam-se gradativamente do segmento produtivo. Primeiro, abandonaram o trabalho direto nas oficinas, seja como ajudante, costureiro ou piloteiro. Segundo, estão deixando de controlar diretamente a produção, entregando a gestão e até a propriedade das oficinas aos bolivianos e paraguaios. Podemos ver duas explicações nessa evolução.

Aconteceu, primeiro porque os coreanos quiseram se especializar no desenho e na distribuição, criando suas próprias linhas e marcas concebidas e vendidas nas suas lojas de atacado do Bom Retiro e do Brás. Essas lojas, por serem localizadas no coração da principal área de comercialização de roupas de prêt-à-porter do Brasil, pelas funções que ela tem: proximidade com o lugar de produção da linha, venda no atacado, promoção da marca através de uma decoração original e vistosa, são na realidade verdadeiros showrooms.

Segundo, vimos que desde sua origem a oficina de costura baseia uma parte de sua eficácia econômica na informalidade que lhe procure flexibilidade e ganhos de produtividade, mas, por outro lado, a informalidade das oficinas, e diversas pressões decorrentes dessa informalidade que pesam nos donos de oficinas, aceleraram o progressivo abandono da parte produtiva pelos coreanos a benefícios de migrantes bolivianos e paraguaios. Vemos duas explicações principais à substituição. Para um costureiro, é relativamente fácil, ou seja, rápido e barato, abrir uma oficina clandestina: basta instalar no mínimo uma ou duas

⁹ Em 1991, 7500 imigrantes nascidos na Coreia declararam sua residência na Região Metropolitana de São Paulo (Censo demográfico 1991, IBGE).

máquinas de segunda-mão em um canto de um apartamento e começar a trabalhar com a ajuda de um parente ou colega. É pouco arriscado economicamente também, pois fechá-la implica somente revender as máquinas. A medida que a oficina cresce, são contratados costureiros, geralmente sem carteira assinada, na base de “contratos” cujo tempo varia em função das comandas de trabalho. Os costureiros são pagos “por peça” e seus horários também serão definidos pela urgência das comandas e, de certa forma, pela expectativa de rendimento salarial do próprio costureiro. Ora, por um lado, sabemos que a disposição dos migrantes, principalmente os mais recentes e os que projetam ficar pouco, para se submeter a um trabalho intenso, é relativamente alta, em função de um objetivo prioritário e muito comum entre os migrantes de acumulação de um pecúlio em um tempo limitado. Por outro lado, numa profissão onde as remunerações (mesmo quando por peça) nunca são muito altas, adotar um sistema de trabalho pago por peça garante, do ponto de vista do dono da oficina, uma produtividade máxima, e um lucro otimizado, sempre que esse souber fixar bem o valor do trabalho por peça. Ele não pode ser, nem muito alto, para que os migrantes trabalhem longas jornadas para alcançar sua expectativa de rendimento salarial e diminuam proporcionalmente os custos fixos da oficina; nem muito baixos, para evitar tensões e abandonos que comprometeriam a finalização da comanda. Porque não podemos esquecer que, em função duma escassez quase estrutural da mão-de-obra, e por trabalharem sem vínculo empregatício formal, os trabalhadores podem, em qualquer momento, deixar uma oficina para outra. Essa mobilidade pesa como uma ameaça nos donos de oficinas que, de certa forma, competem para captar e conservar a mão-de-obra. Esse elemento foi mencionado em várias momentos da pesquisa e, em certas ocasiões, pode ter contribuído para limitar o crescimento de oficinas:

«muchos problemas, hay mucha envidia, mucha envidia. Entonces, yo prefiero trabajar tranquila en familia que tener problemas con los demás. Porque vos traes servicio teniendo muchas personas, tenés que tener mucho servicio. Vos tenés servicio y un día te dicen « bueno eso no quiero hacer » y se van a trabajar en otra parte y te dejan todo el servicio. Y vos tenés que hacer todo. Mucha irresponsabilidad. Porque hay mucha oficina de costura. Mucha oferta, entonces no conviene tener mucha gente ahora». (Dona XX, paraguaia, proprietária de uma oficina que cria suas próprias linhas em Guarulhos, entrevistada em 27 de agosto de 2010).

Por conseguinte, os salários de uma jornada de trabalho nem sempre são miseráveis, e os casos de mão-de-obra cativa acontecem geralmente com os migrantes recém-chegados que ainda não perceberam as regras e possibilidades do mercado.

Além das dificuldades de administrar os recursos humanos, inclusive quando a oficina não é registrada e não trabalha com carteiras assinadas, a informalidade traz outro risco crescente: o da fiscalização. Desde dos anos 1990, mas de forma mais intensa nos últimos anos, o Ministério do Trabalho conduz campanhas de “proteção ao trabalhador, com o objetivo de combater à informalidade no mercado de trabalho para garantir a observância da legislação trabalhista” que levam à condenação muitas oficinas¹⁰ em situações de irregularidades. Frente a essa evolução e riscos crescentes que pesam nas oficinas, e sem tentar responder à verdadeira questão que se coloca: se as oficinas guardariam sua eficácia e se manteriam competitivas se fossem regularizadas, os coreanos foram abandonando a gestão das oficinas para passá-las a bolivianos e paraguaios.

As conexões das trajetórias migratórias e profissionais dos bolivianos e paraguaios com as trajetórias dos coreanos

As opções que os coreanos assumiram em suas trajetórias profissionais, no rubro da confecção, foram provavelmente determinantes na inserção crescente dos bolivianos e paraguaios na produção de vestuário.

Os imigrantes coreanos intervêm de três formas na inserção dos paraguaios e bolivianos em São Paulo. Como donos de oficinas, os coreanos empregaram e ainda empregam imigrantes sul-americanos em todos os postos de trabalho, na costura ou atividades associadas dentro de uma oficina, como cozinheiro(a)¹¹ ou ajudante. Por outro lado, os coreanos são os principais clientes das oficinas, pois, como vimos, foram aos poucos abandonando a produção para concentrarem-se na criação e comercialização, subcontratando, por conseguinte, oficinas onde os donos e a mão-de-obra são sul-americanos. Por fim, assumiram um papel importante nas trajetórias empreendedoristas dos imigrantes sul-americanos, permitindo a muitos paraguaios e bolivianos que montem uma oficina, facilitando-

¹⁰ As decisões de justiça são geralmente muito severas.

¹¹ As oficinas costumam ter um espaço para cozinhar por que geralmente servem várias refeições por dia aos empregados. O cozinheiro, então, faz as compras, prepara as comidas e organiza as refeições.

lhes o acesso a um local, ao crédito, às máquinas e equipamentos em condições vantajosas.

Temos que acrescentar, mas é outro assunto a ser desenvolvido em outra ocasião, que os coreanos também influenciam as trajetórias residenciais dos paraguaios e bolivianos em São Paulo por que costumam oferecer a hospedagem aos empregados de uma oficina, no geral, na residência mesma da oficina ou em outra residência próxima (Souchaud, 2011).

No imaginário paulistano da imigração de bolivianos e até de paraguaios, existe a idéia de que os coreanos mesmos trouxeram, ou mandaram trazer, diretamente os imigrantes da Bolívia e do Paraguai. Durante as entrevistas, não pude verificar a existência de tais circuitos formalizados de recrutamento direto nos países de origem, controlados por coreanos. Essa idéia pode ter se formado a partir da interpretação dos conhecimentos sobre a história da imigração coreana no Brasil (Choi, 1991), a qual conheceu várias fases. Depois de uma fase de imigração significativa que começou em 1962, o fluxo reduziu-se de forma importante a partir de 1974, quando o governo militar brasileiro decidiu bloquear a imigração coreana (Buechler, 2004). Uma das supostas estratégias dos coreanos para entrar de forma ilegal no Brasil foi transitar por países vizinhos mais permissivos, enquanto às suas leis migratórias: Bolívia e Paraguai. De lá, e depois de um tempo de residência, os coreanos entrariam no território brasileiro para se instalarem em São Paulo. Portanto, formou-se a idéia de que nesses períodos de trânsito no Paraguai e Bolívia, os coreanos teriam criado as condições de montar circuitos de recrutamento de mão-de-obra que eles atuariam uma vez em São Paulo. Como disse, não pude verificar essa hipótese. O que sim é possível constatar, é que uma importante população coreana fixou-se no Paraguai, e em particular em Assunção, onde desenvolveram o setor da confecção; e vários entrevistados paraguaios em São Paulo tinham tido uma experiência em Assunção, na confecção, alguns com donos coreanos, mas sem que esses últimos tenham sido intermediários na sua emigração a São Paulo. Mencionar esse fato é duplamente importante: primeiro, permite mostrar que existe uma imigração coreana em Assunção, especializada na confecção. Ela é consolidada, e autônoma¹² e não transitória (rumo ao Brasil), mesmo se as duas podem ser conectadas (por laços familiares, de amizades).

¹² Em 2000, 7030 nascidos nas Coréias foram recenseados no município de São Paulo (Ibge 2003). Em 2002, 1997 coreanos forma recenseados em Assunção do Paraguai (Dirección General De Estadísticas Encuestas Y Censos 2005).

Segundo porque permite duvidar da idéia que existiriam¹³, dirigidos por coreanos, circuitos estruturados de recrutamento de mão-de-obra entre o Brasil e Paraguai e Bolívia, circuitos que, muitas vezes, são percebidos como de exploração humana. Pelo contrário, as entrevistas mostraram que os coreanos foram, em muitos casos, promotores da ascensão social de imigrantes sul-americanos no ramo da confecção. Não temos elementos suficientes para posicionarmos-nos sobre a questão da exploração da mão-de-obra, mas é importante lembrar que as condições de trabalho variam muito num contexto migratório.

Como consequência e para terminar sobre as trajetórias profissionais de diversos grupos de migrantes na confecção em São Paulo, observa-se hoje a diversidade dos estatutos no setor. Os dados do censo demográfico 2000 dão umas informações importantes, apesar das limitações que conhecemos quanto à antiguidade dos dados e subestimação das populações nascidas no estrangeiro. Pois o censo 2000 distingue vários estatutos no trabalho, entre os quais distinguem-se principalmente o “trabalhador doméstico” (com ou sem carteira de trabalho assinada), o “empregado” (com ou sem carteira de trabalho assinada), o “empregador”, o trabalhador por “conta-própria” e o “trabalhador não remunerado em ajuda a membro do domicílio”. Primeiro, cabe constatar que não existem trabalhadores domésticos no setor que nos interessa. Segundo, 62,3% da população total é registrada como empregada, mas dentre os imigrantes internacionais, a proporção é muito inferior: 47,0%, 42,1% e 13,5% se considerarmos os paraguaios, bolivianos e coreanos, respectivamente. E é interessante observar que 53,0% dos paraguaios e 51,5% dos bolivianos trabalham por conta própria¹⁴, proporção superior à da população total (35,9%) e muito superior ao que se observa na população coreana, onde somente 27,1% são trabalhadores por conta-própria. A população coreana distingue-se nitidamente por sua alta proporção de empregadores¹⁵, 55,0% do total e pela baixa proporção de empregados (13,5%). Na população total, somente 3,9% são empregadores, valor quase igual entre os bolivianos (4,0%), mas nulo entre os paraguaios. Como explicar esse forte empreendedorismo entre os coreanos? Entre as várias análises possíveis,

¹³ Pelos menos de seu aspecto imprescindível para a existência da atividade.

¹⁴ Segundo a documentação do censo demográfico 2000: “considera-se como conta-própria a pessoa que trabalhava explorando seu próprio empreendimento, sozinha ou com sócio, sem ter empregado, mas que podia contar com ajuda de trabalhador não-remunerado”.

¹⁵ Considera-se como empregador a “pessoa que trabalhava explorando seu próprio empreendimento, com, pelo menos, um empregado” (ibidem).

a de R. Waldinger (1991, p.234) nos parece interessante, baseada “no papel das oportunidades”. A partir de suas observações feitas nos Estados-Unidos, insiste primeiro na idéia de que observam-se níveis que qualificação mais altos entre os coreanos do que em outros grupos que atuam no rubro. Por outro lado, os coreanos “diferenciam-se de outros grupos pelo grau de implicação e pela intensidade do trabalho realizado”... mas, “a motivação dos coreanos não decorre de uma ética empreendedora, e sim de sua vontade de se instalar de maneira permanente nos Estados-Unidos e suas dificuldades de acesso aos empregos tradicionalmente ocupados pelos imigrantes”.¹⁶ Afinal, o perfil distinto de inserção dos coreanos no setor se deve, não a critérios étnicos e culturais, e sim a elementos tais como o nível de formação escolar, certas dificuldades específicas enfrentadas pelos membros do grupo que lhes conduzem a elaborar estratégias diferenciadas, e a dimensão temporal do projeto migratório. Podemos supor também que o tempo de cada grupo no setor influencia os estatutos, no sentido de se desenvolver o empreendedorismo com o passar do tempo. Por conseguinte, como os bolivianos e paraguaios consolidaram suas posições no setor da confecção, podemos pensar que poderia ter aumentado o número de empregadores; evolução que deverá ser possível observar no censo demográfico 2010. Mencionemos também que os coreanos se distinguem pela alta proporção de trabalhadores “não remunerados em ajuda a membro do domicílio” (4,4%), sinal da importância no decorrer da migração de certas relações hierárquicas e geracionais.

Os dados apresentados mostram diferenças entre a população migrante internacional e a população nascida no Brasil, mas, sobretudo, mostram grandes semelhanças entre paraguaios e bolivianos.

Conclusão

O setor das confecções em São Paulo evolui, tornando-se um espaço de atividade privilegiado para os imigrantes internacionais, onde os bolivianos acumulam a maior visibilidade. A transição realiza-se de maneira progressiva, e a mão-de-obra brasileira, embora tenha reduzido sua participação, ainda se mantém no centro do dispositivo industrial. As razões de uma relativa substituição são de dois tipos. Por um lado, existem motivos culturais e sociodemográficos, já que o aumento do nível médio da formação escolar e do nível de vida entre os

¹⁶ Tradução do autor.

setores populares da sociedade, num contexto de transição para uma economia pós-industrial, acompanha-se por novas expectativas de trajetórias profissionais, às quais as ocupações nas indústrias das confecções não correspondem mais. Por outro lado, mudanças econômicas importantes influenciaram a participação crescente dos migrantes no setor, até formar-se um nicho. Pois os migrantes internacionais, em resposta às dificuldades que o setor enfrentava, desenvolveram um tipo de estrutura mais flexível.

Mas a oficina de costura dos migrantes internacionais, provavelmente sistematizado pelos migrantes coreanos, surgiu não somente como resultado de um processo de adaptação a evoluções macro-econômicas, foi pensada também para melhorar sua competitividade frente aos outros atores tradicionais do setor.

Hoje, o nicho econômico dos imigrantes internacionais articula-se ao dispositivo específico da oficina, modelo de organização social e espacial da produção de vestuário. A proposta neste texto não era de descrever em detalhes, nem observar as evoluções, em particular nas suas modalidades espaciais, da oficina, mas é importante mencionar que o dispositivo das oficinas dos migrantes internacionais estende-se hoje para fora dos bairros centrais, onde se desenvolveu, para além da marginal Tietê, nos bairros da zona norte, para a periferia leste do município de São Paulo (no distrito de Lajeado, por exemplo) e, provavelmente, em municípios da Região Metropolitana de São Paulo. Sua organização social e suas funções econômicas também evoluem, as oficinas podem ser unidades subcontratadas ou lugares de criação de linhas de roupas onde os donos/empreendedores são também, às vezes, comerciantes, pois vendem a sua produção em suas próprias lojas vizinhas à oficina ou, como é frequente, nas feiras. Nos aspectos sociais, o mundo da oficina também mudou e multiplicam-se as oficinas registradas e o trabalho registrado. As jornadas de trabalho diminuem e as condições de trabalho melhoram em comparação com períodos anteriores; a exploração da mão-de-obra, seja de maneira consentida ou forçada, tende, portanto, a diminuir, em grande parte, em consequência da ação do Ministério do trabalho.

Enquanto ao aspecto migratório, constatamos que é contestável considerar que existe uma especificidade étnica no setor. As observações sobre a participação, no passado e no presente, de várias ondas migratórias, oriundas da Bolívia, Coréias e Paraguai na atividade acabam com a idéia atual da oficina como uma hipotética enclave étnica, baseada em especificidades bolivianas ou andinas. Vimos que os paraguaios inserem-se na atividade segundo modalidades muito semelhantes aos bolivianos. Como os bolivianos, os paraguaios trabalham na confecção há

várias décadas, estão localizados nos mesmos lugares da cidade, diversificaram e tornaram autônomas suas atividades com o passar do tempo. Além disso, construíram as mesmas relações de complementaridades e solidariedades com os migrantes coreanos do setor, as quais permitiram, tanto a bolivianos como a paraguaios que se tornassem empresários no setor. É importante insistir nos fatos que, por um lado, essas associações entre grupos de migrantes são importantes, mas não compulsórias; por outro lado, não se baseiam necessariamente (pelo contrário, talvez) na exploração sistemática do estrangeiro ao grupo de origem, pois mostramos como, na base de relações de trabalho duradouras, instaura-se a confiança entre os coreanos e os bolivianos e paraguaios.

O nicho econômico para os migrantes sul-americanos na indústria das confecções também indica uma transição importante no modelo migratório brasileiro para o estatuto de país de imigração, a partir do qual, torna-se possível imaginar, num futuro próximo, a presença de migrantes sul-americanos e a formação de outros nichos em setores de atividade tradicionais dos migrantes internacionais em países de imigração, como o trabalho doméstico e a construção civil.

Referências

- Buechler, Simone (2004) *Sweating It in the Brazilian Garment Industry: Korean and Bolivian Immigrants and Global Economic Forces in Sao Paulo*, *Latin American Perspectives*, 31 (3), p.99-119.
- Choi, Keum Joa (1991) *Além do arco-íris: a imigração coreana no Brasil*. São Paulo, Dissertação de mestrado - USP.
- Dirección General de Estadísticas Encuestas y Censos (2005) *Censo 2002. Resultados definitivos*, Asunción, DGEEC / www.dgeec.gov.py.
- Green, Nancy L. (1998) *Du Sentier à la 7e avenue. La confection et les immigrés, Paris-New York 1880-1980*, Paris, Seuil, 461p.
- IBGE (2003) *Censo demográfico 2000*, Rio de Janeiro, FIBGE.
- Kotic, Branislav (2007) *Inovação e redes sociais: A indústria da moda em São Paulo*, doutorado, departamento de sociologia, USP, São Paulo, 157p.
- Leite, Marcia de Paula (2004) *Tecendo a precarização: trabalho a domicílio e estratégias sindicais na indústria de confecção em São Paulo*, *Trabalho, Educação e Saúde*, 2 (1), Rio de Janeiro, p.239-275.

Meyer, Regina Maria Prosperi ; Grostein, Marta Dora ; Biderman, Ciro (2004) **São Paulo Metrópole**, São Paulo, Edusp, 290 p.

Saboia, João (2009) Salaire minimum et distribution de revenu au Brésil sur la période 1995-2005. Evolution et résultats de simulations, **Revue Tiers Monde** (199), Paris, p.567-589.

Silva, Carlos Freire da (2008) **Trabalho informal e redes de subcontratação: dinâmicas urbanas da indústria de confecção em São Paulo** dissertação de mestrado, departamento de sociologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 141 p.

Souchaud, Sylvain (2011) Presença estrangeira na indústria das confecções e evoluções urbanas no bairros centrais de São Paulo. in Sarah Feldman, Ana Lúcia Duarte Lanna, Maria Cristina da Silva Leme, Maria Ruth Amaral de Sampaio Eds., **São Paulo: os estrangeiros e a construção da Cidade**, São Paulo.

Waldinger, Roger (1991) Le développement des entreprises ethniques à New York in G. Abou Sada, B. Courault, Z. Zeroulou Eds., **L'immigration au tournant**, Paris, L'Harmattan, p.227-236.

Waldinger, Roger (1994) The Making of an Immigrant Niche, **International Migration Review**, 28 (1), New York, p.3-30.



Rosana Baeninger
organizadora

Imigração Boliviana no Brasil

Universidade Estadual de Campinas – Unicamp

Reitor

Fernando Ferreira Costa

Vice-Reitor

Edgar Salvadori de Decca

Pró-Reitor de Desenvolvimento Universitário

Paulo Eduardo Moreira Rodrigues da Silva

Pró-Reitor de Pesquisa

Ronaldo Aloise Pilli

Pró-Reitor de Graduação

Marcelo Knobel

Pró-Reitora de Pós-Graduação

Euclides de Mesquita Neto

Pró-Reitoria de Extensão e Assuntos Comunitários

João Frederico da Costa Azevedo Meyer

Coordenadoria de Centros e Núcleos Interdisciplinares de Pesquisa (COCEN)

Ítala Maria Loffredo D'Ottaviano

Núcleo de Estudos de População (NEPO)

Estela Maria Garcia Pinto da Cunha

OBSERVATÓRIO DAS
MIGRAÇÕES EM
SÃO PAULO
FASES E FACES DO FENÔMENO
MIGRATÓRIO NO ESTADO DE
SÃO PAULO



Rosana Baeninger
organizadora

Imigração Boliviana no Brasil



Núcleo de Estudos de População (Nepo) - Unicamp

Av. Albert Einstein, 1.300 – CEP: 13081-970 – Campinas, SP – Brasil

Fone (19) 3521 5890 – Fax: (19) 3521 5900

www.nepo.unicamp.br

Apoio

Projeto: Observatório das Migrações em São Paulo
Fapesp – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo
CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
Unfpa – Fundo de População das Nações Unidas

Organização e Revisão Geral Rosana Baeninger

Comitê de publicação Rosana Baeninger (IFCH- Nepo/Unicamp)
Tais Freitas Santos - Representante Auxiliar (Unfpa)
Roberta Peres (Nepo/Unicamp)

Colaboração Maria Ivonete Z. Teixeira

Capa, Produção Editorial e Diagramação Fabiana Grassano
Traço Publicações e Design Flávia Fábio

Foto da capa Antônio Scarpinetti
Fila de imigrantes para solicitação de regularização no país –
Memorial da América Latina, São Paulo – Brasil, Anistia 2009

Ficha catalográfica Adriana Fernandes

FICHA CATALOGRÁFICA

Imigração Boliviana no Brasil / Rosana Baeninger (Org.). – Campinas: Núcleo de Estudos de População-Nepo/Unicamp; Fapesp; CNPq; Unfpa, 2012.
316p.

ISBN 978-85-88258-29-7

1. Imigração na Bolívia. 2. Bolivianos no Brasil. 3. Baeninger, Rosana (Org.).
I. Título.